

1071

19

M. A. da Costa Monteiro

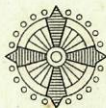
N.º 4.

A Tuberculose e o Sanatorio

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA À

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO



Porto—1902.

109/4 EHC

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

DR ANTONIO JOAQUIM DE MORAES CALDAS

LENTE SECRETARIO

Clemente Joaquim dos Santos Pinto

Corpo Cathedratico

Lentes Cathedraticeos

- | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| 1. ^a Cadeira — Anatomia descriptiva geral | Carlos Alberto de Lima. |
| 2. ^a Cadeira — Physiologia | Antonio Placido da Costa. |
| 3. ^a Cadeira — Historia natural dos medicamentos e materia medica | Illydio Ayres Pereira do Valle. |
| 4. ^a Cadeira — Pathologia externa e therapeutica externa | Antonio Joaquim de Moraes Caldas.
Clemente J. dos Santos Pinto. |
| 5. ^a Cadeira — Medicina operatoria. | |
| 6. ^a Cadeira — Partos, doencas das mulheres de parto e dos recém-nascidos. | Candido Augusto Corrêa de Pinho. |
| 7. ^a Cadeira — Pathologia interna e therapeutica interna | Antonio d'Oliveira Monteiro. |
| 8. ^a Cadeira — Clinica medica | Antonio d'Azevedo Maia. |
| 9. ^a Cadeira — Clinica cirurgica | Roberto B. do Rosario Frias. |
| 10. ^a Cadeira — Anatomia pathologica. | Augusto H. d'Almeida Brandão. |
| 11. ^a Cadeira — Medicina legal | Maximiano A. d'Oliveira Lemos. |
| 12. ^a Cadeira — Pathologia geral, semiologia e historia medica. | Alberto Pereira Pinto d'Aguiar. |
| 13. ^a Cadeira — Hygiene | João Lopes da S. Martins Junior. |
| Pharmacia | Nuno Freire Dias Salgueiro. |

Lentes jubilados

- | | |
|----------------------------|----------------------------------------------------------|
| Secção medica | } José d'Andrade Gramaxo.
Dr. José Carlos Lopes. |
| Secção cirurgica | |
| | } Pedro Augusto Dias.
Dr. Agostinho Antonio do Souto. |

Lentés substitutos

- | | |
|----------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| Secção medica | } José Dias d'Almeida Junior.
José Alfredo Mendes de Magalhães. |
| Secção cirurgica | |
| | } Luiz de Freitas Viegas.
Vaga. |

Lente demonstrador

- | | |
|----------------------------|-------|
| Secção cirurgica | Vaga. |
|----------------------------|-------|

A meus pares

A Escóla não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escóla, de 23 d'abril de 1840, artigo 155.º)

Beijamo hoje a vossa mão que
sempre tão carinhosamente me
guiou, sou feliz! Assim, cora-
graci, anexo no mais puro e
sincero amor, toda a gratidão
eterna pelo tanto que vos devo.

A meus paes

A Escola não responde pelas doutrinas expostas na dissertação
e annunciadas nas proposições.
(O Regulamento da Escola de 23 de Abril de 1840, artigo 133.º)

Beijando hoje a vossa mão que
sempre tão carinhosamente me
guiou, sou feliz! Assim, consa-
grarei, envolto no mais puro e
sincero amor, toda a gratidão
eterna pelo tanto que vos devo.

A minha mana

e

a meu cunhado

Com a mais pura amizade fa-
rei votos sempre pela vossa felici-
dade eterna !

À SANTA MEMORIA

DE MEUS

Padrinhos e Parentes

A meus Tios

A MEUS TIOS

Dr. Augusta Monterrosa

José Antonio da Costa

Em penhor da vossa muita
amizade.

A MEUS PRIMOS

A MEU PRIMO

Dr. Fernando Monterroso

Destacar o teu nome é um dever,
dever de gratidão pela tua
tanta amizade.

AO ILL.^{mo} E EX.^{mo} SNR.

Conselheiro Antonio Candido

A sincera homenagem do mais
subido respeito; verdadeira ami-
zade e gratidão.

AO ILL.^{MO} EX.^{MO} E REV.^{MO} SNR.

D. Antonio, Bispo do Porto

Em nome da amizade que eu
e minha familia devemos á fi-
dalga obsequiosidade de V. Ex.^a
Rev.^{ma} — Com muita gratidão.

AOS JLL.^{MOS} E EX.^{MOS} SNRS.

Raphael Bordallo Pinheiro

E

M. Gustavo Bordallo Pinheiro

Ao Genio! Mestres da caricatura, meus queridos amigos, a confirmação da minha amizade e da minha muita admiração.

AO ILL.^{no} E EX.^{mo} SNR.

José Antonio Ribeiro da Silva Junior

E SUA EX.^{ma} FAMILIA

Nunca esquecerei tantas aten-
ções e tanta amizade.

Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Dr. João A. Ferreira

Com verdadeira admiração a um bello talento, a um coração amigo, puro e bom, o meu reconhecimento pelos seus tantos favores de sempre, pelas suas palavras de mestre no assumpto d'este trabalho.

AO JLL.^{mo} E EX.^{mo} SNR.

M. Pereira da Silva Real

E SUA EX.^{ma} FAMILIA

AOS INTIMOS

A. Nazareth

Camillo Silveira

H. Guedes d'Oliveira

Teixeira de Paschoaes

Nunca esquecerei a vossa dedicação.

Aos meus amigos

E EM ESPECIAL

Dr. Cerqueira Magro.
Dr. José Vicente.
Dr. Guilherme P. da Cunha.
Dr. Miguel Carlos Moreira.
Dr. José Mesquita.
Dr. A. Cunha Pinto.
Dr. Eduardo Pimenta.
Dr. Torquato Brochado.
Dr. Eugenio Ribeiro.
Dr. Neves de Castro.
Dr. Bernardo Polonio.
Alberto da Silva Gonçalves.
Joaquim N. de Queiroz.
José M. Carvalhal.
Alvaro José Barreto.
João d'Oliveira Ramos.
Marcos Guedes.
Antonio Lopes Teixeira.
Julio d'Oliveira.
José Cardoso M. de Vasconcellos.

AOS DISTINCTOS CLINICOS

DO HOSPITAL DE SANTO ANTONIO

Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Snrs. Drs.

Agostinha de Faria

e

Tito Fontes

AOS MEUS CONDISCIPULOS

Um abraço de despedida.

AOS CONTEMPORANEOS

A todos que me dedicaram as suas theses

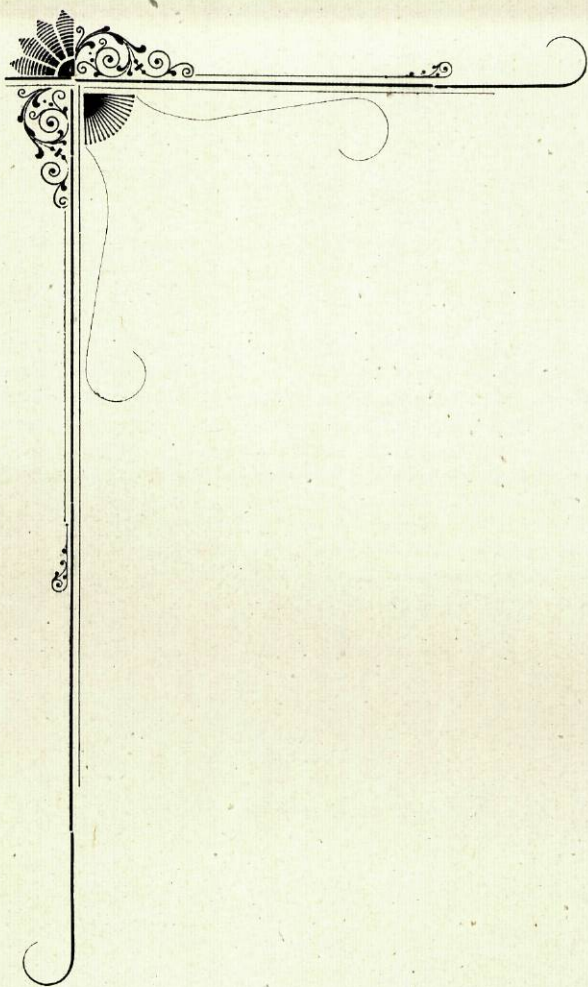
Ao

MEU DIGNÍSSIMO PRESIDENTE DE THESE

O JLL.^{mo} E EX.^{mo} SNR.

PROFESSOR

Dr. Alcydio Ayres Pereira do Valle



Se ha questão que mais tenha apaixonado a medicina, n'estes ultimos tempos, é, por certo, a questão da tuberculose e seus meios de cura.

N'este pavoroso disimar de novos e velhos, n'esta diffusão comprometedora das raças, a sociedade começa a abalar-se, a assustar-se, o que explica o generoso e incondicional concurso, que lá fóra ella vem, desde ha annos, prestando a esta causa, alentada na contenda, pelas noções precisas do contagio e fôrmas possiveis de transmissibilidade; finalmente, pela forte convicção da curabilidade, facto que a medicina deu por indiscutivel.

Portugal, ha alguns annos que vae soffrendo o reflexo d'este humanitario e piedoso movimento.

Ora, foi a observação d'isto, sentindo, principalmente, com a boa vontade dos medicos portuguezes, a necessidade de se fallar e repizár muito este assumpto, afim de encarnar bem no espirito do publico, desvanecido sobretudo no meu amor patrio, pelo conhecimento do que n'este sentido se empre-

CAPITULO

hende já no norte do paiz, graças á tão altruista e acertada iniciativa dos Ex.^{mos} Surs. Drs. Cerqueira Magro e João Ferreira, que determinou a escolha do assumpto para a minha prova final— O SANATORIO NA CURA DA TUBERCULOSE.

— Não cabe ás minhas parcas e humildes qualidades, no tão pouco tempo que os muitos encargos do terminar d'un curso medico cedem, tratar convenientemente, como seria de dever e bem da minha vontade, um assumpto de tão nobre interesse, de tanta actualidade. Mas o illustrado Jury saberá desculpar a descosida phrase, a elementar sciencia, a provada insignificancia com que o assumpto foi cuidado, pondo a cobrir a minha these a lembrança de que se trata d'un novo, d'un principiante em letras e em sciencia?!

Junho — 1902.

CAPITULO I

Compulsando os auctores antigos, mesmo remontando a Hippocrates, vê-se que a ideia da cura da tuberculose era já por elle admit-tida.

O tísico, dizia elle, se é tratado desde o principio, cura.

A sua escola seguiu a mesma opinião em Celso e Galeno, etc.

Mas esta ideia, em que os antigos tão intel-ligentemente commungavam, diluiu-se de tal modo no espirito das escolas da Renascença, que para a maior parte dos auctores a presen-ça dos tuberculos nos pulmões passou a ser

considerada como synonymo de morte, n'um tempo mais ou menos curto.

A iniciação dos trabalhos anatomo-pathologicos por Laennec, fizeram resurgir de novo a ideia d'uma possivel cura. E é assim que elle, entre hesitações de optimismo e descrença, se exprime assim: « Les tubercules tendent á grossir et à se ramollir. La nature et l'art peuvent bien relentir leur developpement, en suspendre la marche rapide, mais jamais lui faire faire un pas retrograde; mais s'il est impossible de guerir la pthisie au premier degré, un grand nombre de faits me donne la conviction intime que, dans quelques cas, rares à la verité! un malade peut guerir auprès avoir eu des tubercules qui se sont ramollis et ont formés une cavité ulcereuse.

La guerison de la pthisie, escreve elle ainda, *n'est pas au-dessus des forces de la nature*, mais l'art ne possede encore aucun moyen certain d'arriver à ce but ».

Andral vem depois constatar nas suas autopsias a frequencia dos tuberculos cicatrizados. Guillot vem dizer que quatrocentos dos velhos autopsiados na Bicêtre apresentavam traços de tuberculose antiga. Beau faz 160 autopsias na Salpêtrière, e encontra 157 vezes cicatrizes tuberculosas. Vibert em 135 autopsias feitas na morgue encontra 25 vezes lesões tu-

berculosas cicatrisadas. Letulle publica o resultado das suas 189 autopsias que é como se segue:

Com tuberculose	79
Com tuberculose pulmonar latente ou curada	92
Casos suspeitos	18

Desde então o tuberculo entrou definitivamente n'uma concepção nova: elle podia curar-se.

Entretanto Grancher dava noções exactas sobre o mecanismo d'esta cura. O tuberculo, dizia elle, é uma neo-plasia fibro-caseosa, trazendo comsigo desde a sua formação os diversos elementos de cura.

Composto d'uma zona central, caseosa, e outra peripherica, embryonaria, é do resultado da lucta travada entre estas duas zonas que depende o futuro do pequeno tumor.

Se é rapida a evolução, a zona central, dominando, destroe a zona embryonaria; se é lenta, esta avançará sobre aquella com formação de tecido conjunctivo e a destruirá.

Toda a granulação, pois, que tem um desenvolvimento lento, torna-se fibrosa, transforma-se em tecido inoffensivo de sclerose total; cura-se.

Estavam assim bem legitimados os factos necropsiaes.

A clinica avisada por elles ia tambem fornecer os seus dados.

Bennet apresentava já eloquentemente a sua cura.

Brehmer inspirando-se n'elle, e fundando o seu estabelecimento em Gœbers-Dorf, lançava ao mundo os resultados de cura obtidos.

Davos e Falkenstein vem trazer os seus documentos de parecer identico; depois vem Jaccoud e Darenberg n'um apostolado ardente da curabilidade da tísica; e como não ha fome que não traga fartura, não faltaram de toda a parte observações as mais detalhadas no mesmo sentido.

Tomou pois phase de positividade a noção de poder sustar-se, sob a acção de causas que adeante tratarêmos, todos os symptomas de infecção tuberculosa: abolir a tosse, seccar a expectoração, eliminar o bacillo, reduzir ao silencio, indicativo de cicatrização, toda a gamma de sons anormaes e outros caracteres de lesões pulmonares estabelecidas.

«A tuberculose é, pois curavel» tal é a conquista com que se enfeita a medicina actual, conquista arrancada ás abusões dos séculos.

E foi mais que uma revolução scientifica;

foi também philantropica, porque nada mais doloroso que a situação a que outr'ora era votado o desgraçado doente.

Hoje já não se receia fallar-lhe na doença, porque póde dar-se-lhe, muitas vezes, com a noticia a esperança de cura.

CAPITULO II

Grancher tinha dado a formula anatomo-pathologica da cura do tuberculo; com que concurso se realisava ella no homem?

A descoberta do bacillo de Koch como agente pathogenico da lesão tuberculosa, as theorias de Metchnikoff sobre a reacção cellular, iam explicar tudo e esclarecer até a pathogenese social da tuberculose, porque assim se póde tambem dizer.

Todo o agente vivo, microbiano, entrado no organismo, desperta n'este um conjuncto de reacções organicas, de que um dos termos é a phagocytose. A phagocytose quer dizer lucta corpo a corpo entre elemento cellular organico e o elemento cellular exogeno.

Precisamente como no mundo social, n'este mundo organico o resultado final da lucta dependerá do potencial vital das unidades tacticas, da sua facil mobilisação.

O microbio ataca e defende-se pelos seus venenos; as cellulas organicas, moveis, por um conjuncto de trabalhos distribuidos disciplinarmente por grupos: são as cellulas polynucleadas devorando os microbios; são os grandes monucleares desimpedindo o campo da acção dos restos da refrega; são as cellulas monucleadas formando tecidos de resistencia, verdadeiras barreiras para impedir o avanço do inimigo.

E' como se vê um trabalho perfeito de tactica militar, e, talqualmente como nas guerras humanas, em que a victoria breve ou tardia será do mais forte, do melhor apercebido, assim no organismo ella pertencerá ao melhor dos contendores.

E' assim em todas as doenças inficiosas. Mas se para a maior parte d'ellas o individuo encontra muito frequentemente em si os elementos de victoria, para a tuberculose, não.

Pelo que? porque o bacillo da tuberculose é o mais virulento de todos? Não. Bouchard chega-nos a affirmar que elle é bem um inoffensivo saprophyta.

E não repugna admittir isto, se attender-

mos a que muitos individuos, que morrem d'outras doenças, apresentam á autopsia, como já dissemos, provas de tuberculos curados, e que muitos outros ha, e que os medicos conhecem da sua clinica, que se curam espontaneamente.

Porque então esta cifra assustadora, com que se apresenta a mortalidade pela tuberculose?

Se não é no bacillo que está a causa principal, deve ella ser então procurada no organismo. Assim é.

O bacillo da tuberculose carece muito especialmente d'um meio muito proprio para se desenvolver.

Um homem robusto póde apanhar um typho; mas n'elle a tuberculose mallograr-se-ha.

E' preciso que o organismo se encontre n'um grande desequilibrio de nutrição, em que a sua desassimilação sobreleve a assimilação, para que, realisadas todas as consequencias d'este desarranjo, o bacillo se desenvolva e floresça.

Alguma cousa pois ha de particular n'esta lethalissima doença para ser tal: uma preparação previa do organismo; um coefficiente biologico muito bem definido, sem o que não ha tuberculose.

Este modo biologico póde ser hereditario;

hoje, graças ás causas depreciadoras das raças, muito frequente.

Estes individuos constituem um grupo de sêres a que se chamam — *candidatos á tuberculose*, — e nos quaes a tuberculose entra ás vezes tão rapidamente, e a uma idade tão proxima do seu nascimento, que este facto tem dado lugar a confusões, fazendo-a para alguns auctores considerar como tuberculose congenita.

Milhares de vezes a tuberculose incide sobre individuos não dispostos de nascimento para este processo de eliminação.

Então esse coeфициente biologico muito bem definido é todo criado no meio social em que o individuo evoluciona. Esse coeфициente biologico é a decadencia organica.

A tuberculose póde assim considerar-se como uma encrusilhada onde chegam innumeros caminhos: são as doenças agudas creando um enfraquecimento, principalmente quando incidam sobre o apparelho pulmonar: — as bronchites, as pneumonias, as pleurites, etc.; são ainda as outras doenças inficiosas determinando grandes esgotamentos nervosos, como o typho e a influenza; ou affectando a mais a cellula no seu bio-chimismo como a syphilis; são os pezares, as preoccupações do dia de amanhã, a superactividade physica, intelle-

ctual e moral a que nos arrasta o *struggle for life*, hoje mais custoso que nunca; são os prazeres desregrados; os vícios de toda a especie; é o alcool, a fome e a miseria emfim na sua complicada textura que a originam, violentando a natureza em tudo, desde o processo de comer até ao de viver.

Se isto são factores, como o são, de predisposição para a invasão tuberculosa e para uma provavel perda de victoria da parte do organismo, já se comprehende bem como seja facil infectarmo-nos e morrermos tysicos.

Porque isto são factores constantes, diarios, a empolgarem-nos e empurrarem-nos para esse cair enorme, bocca de abysmo insondavel, por onde quasi se escoam todas as fórmas degenerativas.

Do que dissemos se infere que, se sem bacillo se não póde formar um tuberculo, sem decadencia organica anterior ou concomitante é que não póde haver tuberculose, clinicamente.

Esta noção nos indica o *mecanismo da cura*. Com ella nós ficamos perfeitamente elucidados, porque, como diz Peter, indicar as condições que fazem com que nos tuberculise-mos, é indicar conjuntamente as condições inversas, que fazem com que não nos tuberculise-mos. Sendo assim a conclusão a tirar do que

ficou dito é que a cura se realizará pelo levantamento da nossa tonicidade organica.

Normalisar a vitalidade do systema nervoso com o fim de coordenar todas as funcções amortecidas e desviadas, enriquecer o sangue de elementos avigorados que o depauperamento dessorou; modificar pela hygiene appropriada as condições bio-chimicas das nossas cellulas e dos nossos humores, enfim, eis o que é preciso para chegar á cura.

A victoria phagocytaria é uma funcção do vigor vital; o individuo uma vez tocado pelo bacillo de Koch, prevenido por uma hemoptyse precoce ou por outros symptomas prodomicos de invasão tuberculosa, tem este criterio a seguir: o criterio que lhe deu a anatomia pathologica, esclarecendo-o sobre a finalidade dual do tuberculo.

Irreductivelmente curar a tuberculose é sclerosificar o tuberculo.

Ora esta sclerose, expressão definitiva da cura, constituiu-se apanagio da hygiene, sciencia nova ainda, mas já hoje cheia de fecundas e gloriosas applicações.

No capitulo seguinte estudaremos os differentes factores d'essa cura.

CAPITULO III

A medicação tuberculosa, medica e hygienica, medica sobretudo, constitue um vastissimo arsenal que eu não tenho a pretensão de relatar aqui, nem tão pouco criticar.

Limitar-me-hei a dizer que, porque a doença a isso se tem prestado, a sua therapeutica foi sempre o objecto das mais revoltantes explorações.

Hontem como hoje, não tem minguido as tizanas salvadoras, chocando-se ás mil n'uma luta incruenta de reclamos para obterem a melhor sahida e o mais proveitoso lucro.

Mas curar. . .

A descoberta do bacillo por Koch, o conhecimento da sua biologia, fez entrar rapida-

mente na therapeutica pretensos remedios para curar.

Uns, porque no laboratorio tinham excelente poder antiseptico, circularam com qualidades bactericidas.

O creosotal entra n'essa conta, e os seus derivados. Os resultados, porém, não foram auspiciosos, não só porque o *quantum* bactericida era incompativel com o organismo, mas mesmo porque se percebeu bem, que aonde estava o bacillo não podia chegar o remedio.

Quanto ás suas propriedades sclerogenicas e estomachicas, tudo isso foi discutido, combatido.

Actualmente, em boa razão, á creosote como aos seus derivados, como a todos os balsamicos em geral, foi-lhe distribuido este restricto papel de módificadores de secreções bronchicas. Um consciencioso clinico, quando a fórmula, não deseja pedir-lhe mais.

A therapeutica tentou depois o seu caminho por outro lado, e este de resto o mais racional: empregou os modificadores da nutrição com o fim de retardar a desassimilação.

Incontestavelmente o arsenico representa n'este caso um papel importantissimo; mas isto não é tudo na medicação tuberculosa, que é complexa, e portanto insustentavel como factor unico de cura.

Para que enumerar mais? Com mais ou menos acção sobre este ou aquelle symptoma, nunca completos n'ella, falhando portanto no tratamento da doença, os medicamentos tem feito a sua prova.

As conquistas da escola bacteriana alentaram-n'a a entrar tambem n'uma phase de therapeutica.

Em 1890 Koch vem á estacada com a sua tuberculina, productos soluveis do bacillo, obtidos pela glicerina.

Acompanhada dos maiores reclamos, ella convulsionou todos os espiritos, e por um momento trouxe a esperanza a todos os corações.

Mas a illusão foi de pouca dura, cahindo em breve com o mesmo ruido com que se tinha levantado, batida por experimentadores como Arloing, Courmont e Rodet.

Eis as conclusões d'estes ultimos auctores conformes com as de Jaccoud, Dujardin-Beaumont, Dubiel, Virchow, Führinger:

« Non seulement, en aucun cas, la tuberculine ne peut arrêter ou faire rétrocéder la tuberculose expérimentale, mais elle favorise au contraire la multiplication et l'extension des lésions, elle peut même précipiter la mort. La tuberculine ne donne pas de meilleurs résultats comme vaccin, elle parait même jouir d'une action prédisposante ».

Uma série de tuberculinas, com a pretensão de serem menos toxicas que a primeira, e com outros resultados mais propicios, foram successivamente exploradas por Koch; a tuberculina A, depois O, depois T R. Mas dos estudos feitos ainda por Arloing, Courmont e Nicolas concluiu-se que os seus resultados eram absolutamente nullos ou quasi.

Vêm ainda as tuberculinas de Hunter, Klebs, Roux e Maragliano, etc., etc. Nenhuma porém tem justificado as esperanças que suscitaram.

De resto como o diz Maitre na sua these:

«Il faudrait, pour attendre des résultats de ce moyen de traitement, avoir la certitude que les produits solubles microbiens, qui forment la base de la méthode, peuvent être vaccinants et que la tuberculose ne récidive pas: or, c'est précisément le contraire qui est vrai; non seulement le tuberculeux est exposé à une récidive, mais une première atteinte est plutôt prédisposante ».

HEMATOTHERAPIA.—A' applicaçoão dos productos soluveis succedeu a ideia da applicaçoão do sangue dos animaes refractarios. Usado primeiro em natureza por Bertin, Lepine, etc., (sangue de cabra) e Langlois e Saint-Hilaire (sangue de cão), depois o sangue tuber-

culisado ou tuberculinisado (Viquera), os resultados foram os mesmos, isto é, nullos.

A attenção voltou-se então para a

SEROTHERAPIA. — N'este methodo sómente se emprega o sôro dos animaes immunisados.

E', como se vê, uma variante do methodo anterior. Os methodos são varios, mas os seus resultados são da mesma natureza.

Os sôros têm sido obtidos, uns pela immunisação com tuberculina, outros com culturas bacillares; outros, como os de M. Arloing, impregnados preventivamente de substancias reputadas anti-tuberculosas: creosote, gaiacol, licor de Fowler, etc.

Os successos obtidos, porém, não levam ninguem a suppol-os capazes de deter a marcha da tuberculose.

Mallogrou-se a bactereotherapia tambem, a opotherapia e a phototherapia, ficando, parece, com algumas propriedades anti-toxicas a zomotherapia de Richet e Hericourt.

Emfim, no momento actual, a sciencia, não podendo arrancar ainda aos segredos do laboratorio o tratamento possivel da tuberculose, entrou decididamente no campo das applicações hygienicas, por ser o que lhe offerecia as maiores garantias e os mais seductores resultados.

Deixou-se o bacillo para pensar no organismo.

Provocar uma reacção organica, para levantar a tonicidade cellular, será conseguir o aniquilamento d'esse inimigo, que não vive bem no meio dos fortes. E' o que faz a hygiene.

A hygiene que *empeche le tuberculisable de devenir tuberculeux et le tuberculeux de devenir tuberculisable* corresponde á equação :

$$\text{Ar} + \text{A} + \text{R} = \text{C}$$

Representando Ar o ar puro, A a alimentação, R o repouso physico e moral, C a cura.

Ar

Pabulam vitae lhe chamavam os antigos, e com razão, porque sem elle a vida é totalmente impossivel.

Amava-o a escola grega illuminada pelo genio de Hippocrates. Como foi porém que depois tudo isto mudou, e até ao meado do seculo passado elle quasi foi tido na conta de inimigo dos doentes, é aberração que não é facil comprehender.

Seja como fôr, todos sabemos que ainda não vae longe o tempo em que se não permitia que doente, atacado de febre, sobretudo, respirasse outro ar que não fosse o represado no seu quarto, «entaipado o desgraçado doente n'uma especie de tumulo, d'onde não sahirá senão para outro tumulo, porque, morrer, morre elle, entregue á intoxicação, por si mesmo, continúa e progressiva» (Dr. João Ferreira) ⁽¹⁾.

Mas as coisas mudaram. Empiricamente começou-se pela Inglaterra.

E' preciso não esquecer, diz o Dr. João Ferreira «que uma mulher, Miss Nightingale, enfermeira n'um hospital de Londres, cheia de talento e de audacia, se não atemorizava em dizer que a atmospheria a mais sã para o quarto d'um doente era um bom fogo e uma janella aberta» ⁽²⁾.

Depois veio a cura de Bennet, e por este facto surgem então, definidas com entusiasmo e mais precisão, estas ideias que andavam soltas, e a que elle soube dar o valor da sua propria experiencia.

A necessidade de se respirar um ar puro ia entrando no espirito dos medicos d'uma maneira mais definida.

⁽¹⁾ *Gazeta Medica do Porto* — 1899.

⁽²⁾ *Loc. cit.*

Os trabalhos experimentaes sobre o ar confinado resolveram totalmente a questão.

Depois das experiencias de Gavarret, Hammond e outros, concluiu-se que o ar expirado arrasta comsigo productos toxicos, que se podem tornar a causa de muitos accidentes, quando elle seja de novo respirado.

Esta noção indica já que, d'uma maneira geral, mesmo para as pessoas, que têm saude, lhes é prejudicial o respirar durante longas horas na mesma atmosphera sem ser renovada.

Quando se trata, porém, d'um estado morbido, o caso agrava-se, porque aos toxicos normaes ajuntam-se os de formação pathologica.

Assim o tuberculoso, como ninguem, devia beneficiar do ar puro.

Foi de resultados imprevistos a acreação continua dos aposentos dos tuberculosos. Todos os symptomas, tão difficeis de debellar pelos meios medicos, cediam com uma facilidade quasi inacreditavel pela simples acção do ar, exercida permanentemente.

O doente supporta melhor a febre, o appetite é estimulado, outros symptomas graves de infecção, como sejam vomitos, cephalea, etc., sustam-se rapidamente sob a sua acção, a expectoração diminue, os suores ou desaparecem ou se tornam menos abundantes, e até a

pelle adquire certa resistencia, o que impede as constipações frequentes do tuberculoso.

Perante estes dados da observação a reforma nas ideias completou-se, firmando-se bem o valor da aeração na cura da tuberculose.

Daremberg, tysico tambem, tendo experimentado o seu beneficio, exprime-se assim : «Nul ne connait le bonheur du phtisique qui quitte sa chambre empestée pour vivre au grand air, s'il n'a éprouvé lui-même les bienfaits de ce contraste.

En 1876, après avoir passé plusieurs mois entre les quatre murs d'un petit appartement de Paris, j'arrivai sur la côte française de la Méditerranée, et, d'après les conseils d'H. Bennet, je m'étendis tout le jour au soleil ; la nuit, je laissai ma fenêtre entr'ouverte, je m'alimentai bien, je bus beaucoup d'huile de foie de morue. Je commençai à ne plus désespérer, et j'aperçus ces lueurs d'espoir, qui réchauffent le cœur du malade comme le font les feux fugitifs du soleil couchant...

Puis les forces revinrent, je pus marcher, faire quelques promenades, passer de bonnes nuits, reprendre un peu de goût à l'existence.

Je ne trouvais déjà plus que le soleil de ma vie se couchait ; je le voyais se lever chaque matin avec bonheur, et chaque jour luire

trop peu de temps pour me permettre de jouir á loisir ce l'air pur, de la vive lumière, de la mer bleue, du ciel, de la terre, de tout!

C'est si bon de se sentir renaître! Il semble qu'on n'a jamais vecu» (1).

Mas, se o ar é tão notavel na cura, convém saber as condições em que elle deve ser aproveitado. O sol e o vento constituem-se dois dos maiores inimigos do tuberculoso. *Le vent c'est l'ennemi*, dizem os tratadistas.

Quanto ao sol, convém saber que, se elle é por si o mais excellente dos desinfectantes, um agente de vida e de vigor, mais que isso, o mobil das nossas alegrias, que tanto escasseiam no tsysico, os seus raios directos são prejudicialissimos para elle.

«Que maravilhoso espectáculo! diz Daremberg, fallando d'um passeio no Egypto, mas que sol traidor! a 22 de outubro de 1882, ao voltar das Pyramides eu tive uma hemoptyse!»

E' este realmente um dos inconvenientes da acção directa do sol sobre o tuberculoso. O aquecimento do tronco póde determinar uma congestão intensa com producção de hemoptyse.

(1) DAREMBERG — *Traitement de la Phtisie pulmonaire.*

O sol deve ser evitado, pois, aproveitando-se simplesmente a luz diffusa. «Le malade doit voir la lumière du soleil, mais ne doit pas être vu par lui», diz Sabourin.

A cura deve tambem ser feita n'um ar absolutamente tranquillo ou quasi. Uma atmosphera muito convulsionada pelos ventos é prejudicial, não só porque o vento traz consigo perturbações do rythmo respiratorio, predispondo ás hemoptyses, mas tambem porque a sua acção sobre a pelle origina constipações, quando o vento é muito secco. Depois em doentes extremamente sensiveis, como são os tuberculosos, a agitação atmospherica parece ter egualmente uma acção nefasta sobre o sistema nervoso, levando até á febre.

Em resumo, temos pois aereação contínua ao abrigo dos raios directos do sol e do vento.

Alimentação

Se o ar é, como acabamos de vêr, uma bella condição de cura, outro tanto acontece com a alimentação, «la cuisine d'un sanatorium en est la pharmacie», dizem os allemães.

O doente tuberculoso deve comer bem e muito, fazer uma bella alimentação, visto tratar-se d'uma doença consumptiva, cujas per-

das são determinadas pela expectoração, diarrheia, suores, etc., e que apenas o augmento de receita pela alimentação pôde ajudar a compensar.

Comer é pois uma das maiores alavancas do tratamento da doença. Constitue, porém, o problema da alimentação um escolho grande, com o qual, não raro, depara a therapeutica tuberculosa.

Os doentes d'esta especie têm quasi sempre um estomago debil, uma inappetencia obstinada, ora proveniente da intoxicação tuberculosa, ora resultante d'uma dyspepsia, que se algumas vezes é idiopathica, é quasi sempre já symptoma precoce da tysica.

Felizmente que a pratica do *grande ar* attenua este tormento, e remedeia muitas vezes, menos mal, este inconveniente.

Quasi sempre chegado a uma estação de cura, pelo motivo da nova naturêza, da sua vida desafogada no seio d'um ar puro, talvez por um conjuncto de novas circumstancias moraes, o doente vê, como por encanto, o appetite voltar. Deve então comer e comer bem.

Mas o que se entende por comer bem?

Não ha doutrina, que não traga com a sua iniciação os seus exageros. A questão da necessidade de alimentar bem os tysicos trouxe o exagero da super-alimentação e da *gavage*.

A super-alimentação consistia em obrigar os doentes a comer além do possível, extraordinariamente. A tuberculose é uma defunção, uma desassimilação assustadora; por isso necessario se tornava obrigar-os a fazer um exorbitante *stock* de materiaes nutritivos.

E para os doentes, a quem a rebelde inappetencia não o permittisse, destinava-se-lhe a *gavage*, que era nada mais que introduzir-lhe, por intermedio de sonda, os alimentos no estomago. Funda-se este processo no facto da inappetencia ser o mais das vezes subjectiva, e estar ligada a perturbações, meramente gustativas, conservando o estomago a sua capacidade funcional.

A pratica da *gavage* tem ainda hoje a sua acceitação. Quanto á super-alimentação, vae ella cahindo em desuso por perigosa.

Com effeito, não era raro succeder á sua pratica o apparecimento de perturbações graves da parte das vias digestivas complicando o estado do doente.

O estomago, sobrecarregado, responde primeiro por embaraço gastrico, depois por dyspepsia, etc.

A fórma actual é a mais racional. O doente precisa, é certo, de comer bem. Pois comerá, mas methodicamente, para obstar a todos os desarranjos.

As alimentações devem ser do *quantum* possível de cada vez, mas repetidas, cinco e seis por dia, tendo o cuidado de empregar sempre alimentos que, sob fraco volume, representem o maior valor nutritivo.

N'esta conformidade a alimentação lactea e pelos ovos, como supplicia da alimentação, é a regra, bem como o uso da carne crúa em bôlos. Consegue-se assim, fraccionando a alimentação em muitas horas no dia, nutrir bem o doente, sem lhe sobrecarregar o estomago.

A titulo de curiosidade damos um dos *menus* usados nos sanatorios, actualmente:

PRIMEIRO ALMOÇO — ovos, leite e café, e de vez em quando carne fria substituindo os ovos.

ALMOÇO DO MEIO DIA — ovos ou peixe, um ou dous pratos de carne, legumes, e para sobremesa queijo ou fructas frescas.

JANTAR — sopa, carne, legumes feculentos e um prato de meio.

No intervallo d'esta alimentação o doente póde ainda tomar copos de leite, ou ovos mornos, cousas que nos sanatorios são sempre aconselhadas.

Como adjuvantes d'esta alimentação é preciso não esquecer os alimentos de poupança, digamos assim, como o café, a kola, algumas

vezes mesmo o alcool, em pequenas dóses, visto que sendo a desassimilação tão accentuada nos tuberculosos, convém oppôr-lhe uma barreira.

O koumiss, o kefir, as gorduras e a cerveja são alimentos, que não devem ser também esquecidos no tratamento da doença.

Sob a acção d'uma alimentação conveniente não tardam a dar-se modificações no organismo, muito salutaes. As forças avigoram-se, o doente começa a vêr as saliencias dos seus ossos desaparecerem pelo augmento dos tecidos.

Mas isto ainda precisa, para se realisar com vantagem, que outro factor se venha juntar á alimentação, e que vem a ser o

Repouso

E' um elemento indispensavel, um complemento da cura d'ar, e da alimentação.

A principio combatido por Brehmer, foi vulgarisado depois, e as suas vantagens reconhecidas por iniciativa de Dettweiller.

O repouso apparece como uma lei de therapeutica; diminue a accumulacão dos residuos e favorece a sua eliminacão.

A fadiga é, ao contrario, uma fonte de auto-intoxicação e desperdicio de forças.

Não basta, pois, reparal-as no tuberculoso pela alimentação; é preciso ainda diminuir-lhe os gastos e supprimir todas as causas de auto-intoxicação.

D'ahi a cura pelo repouso, que comprehende tambem a abstenção de todo o trabalho intellectual, e o repouso moral. Precisa deixar a tempo todos os seus negocios, desviar as suas atenções de tudo que o possa fatigar, porque depois será obrigado a fazê-lo, quando já é tarde para a realisação da cura.

Leitura intermittente, pouco interessante, correspondencia a menos possivel, jogos tranquilos e por pouco tempo, nada de discussões e conversas prolongadas, eis o que é compativel com a cura pelo repouso.

Mais tarde, quando o doente comece a melhorar, claro está que se lhe vão dando algumas liberdades, sempre dirigidas medicamente.

O repouso é regularizador da funcção thermica.

No tuberculoso o menor esforço provoca um augmento de temperatura; e a febre vespéral, que então se observa, é bem uma febre de surmenage; por isso o tuberculoso deve ter um thermometro bom, tomando regularmente

a sua temperatura tres vezes por dia na cavidade axillar ou buccal. Todo aquelle que á tarde tiver 37° , deve ser considerado como sub-febril; acima de 37° será febril vespéral.

Em que condições devemos permittir os exercicios aos doentes?

Só os dados thermometricos nos podem dar a resposta.

Doentes totalmente apyreticos podem andar durante o dia, vigiados sempre pelos dados que o thermometro fornece; porque será bastante o thermometro accusar uma ascensão á tarde, ou notar-se uma diminuição no pêso do doente, sem outra causa, para se concluir que o exercicio é prejudicial e n'esse caso convém restringil-o.

Quando o doente é sub-febril ou febril, sómente de tarde, então poderá passear de manhã, sempre só o tempo e na fórmula que o medico indicar.

Em casos de febre contínua, o doente deve ser condemnado ao repouso por absoluto.

Nos exercicios apenas se comprehende o passeio, evitando os jogos, esgrima, gymnastica, etc., até á cicatrização completa, em que tudo então pôde ser permittido, mesmo a hydrotherapia.

CAPITULO IV

Parece facil á primeira vista a realisação do problema, que acabamos de expôr e estudar: — respirar bom ar livre, fazer a pratica do repouso e uma boa alimentação. Não é assim no entanto.

O sacrificio, a que se sujeita o doente, é muito grande para que elle com facilidade o cumpra, porque se encontra só, sem distracções, sem outra ideia que não seja o pensar a todo o momento no seu estado, sem recursos medicos constantes, que tanto se impõem em casos d'estes.

Demais, a cura no domicilio, que aliás poderia fazer-se, tem altos e extraordinarios inconvenientes, que a põem inteiramente de parte.

O doente encontra-se em perfeita liberdade, porque, como senhor da sua casa, não accêta imposições ou conselhos medicos nem de familia, a não ser que lhe agradem ou esteja disposto a tal; isto com todo o capricho.

Assim lá fôge ao regimen, á disciplina hygienico-dietetica de que fallámos.

Impõe-se, pois, o internato dos doentes, em casos especiaes, em sanatorios, onde se faz a applicação, sabiamente dirigida, de todos os recursos da natureza e das leis da physica á conservação da vida abalada pela tuberculose, á destruição do bacillo, ao levantamento da energia perdida.

São estes estabelecimentos que convêm a esta especie de doentes, porque ali se vive sempre sob os cuidados d'um medico competente, na companhia d'outros doentes com quem se confortam e animam, adquirindo, porque d'isso se convencem, ou por emulação, toda a disciplina precisa do corpo e alma.

O capricho do doente desapparece, porque, dentro do sanatorio, ha medidas determinadas a cumprir, medidas essas de natureza individual e social, que todos são obrigados a respeitar.

Dizia um tubercologista illustre, que a cura da tuberculose se faz de «pequenas cousas» (L. Petit).

Ora eu não sei de logar onde ella possa ser mais rigorosamente executada, mais scientificamente feita que n'um sanatorio, onde um medico especializado conhece essas «pequenas coisas» as vigia todas, as esclarece todas, as faz pôr todas em pratica.

«E' lá que o doente aprenderá o que elle julgava incrível: a não tossir senão para fazer a limpeza dos seus bronchios, evitando pela disciplina essa tosse convulsa, despedaçadora, sem fim, que nenhum calmante conseguiu debellar (!); é lá que elle saberá como deve andar, como deve respirar, como e quanto deve comer, quando poderá expôr-se ao ar ou quando o deve evitar; como ha-de aproveitar-se da acção benefica do sol sobre a sua pelle, como deve dormir, etc., etc.

E' lá sómente que elle póde aprender isto; é lá unicamente que sem reluctancia elle o cumprirá.

E como isto por si resume toda a esperanza, compendia toda a cura, só no sanatorio elle se curará» (1).

Graças a estas praticasmeticulosas e fastidiosas, para quem vive em familia, conse-

(1) DR. JOÃO FERREIRA, *Gazeta Medica do Porto*—1901.

gue-se arrancar d'uma morte fatal muitas e muitas vidas, tantas d'ellas preciosissimas.

A utilidade d'estes estabelecimentos sente-se por tal fórma, que basta notar o numero d'elles já espalhados por toda a parte, em todos os paizes.

O sanatorio impõe-se pois como indispensavel ao doente tuberculoso.

Uma pergunta, que naturalmente surge, é se essa accumulção de doentes, atacados d'um mal tão contagioso não será mais prejudicial que util, prejudicial para os doentes, prejudicial para as povoações onde se encontra.

Á priori, realizados todos os requisitos a que devem satisfazer estes estabelecimentos, e que eu deixo apontados, se poderá concluir que não. Mas abandonemos todo o campo da especulação para apresentar factos já hoje bem legitimados. Por elles se verá, que esse contagio é impossivel. Impossivel para as pessoas de dentro, como para as pessoas de fóra.

Em Arcachon, por exemplo, Lalesque ensaiando as poeiras colhidas nos corredores, salas, quartos de dormir, galerias de cura, não conseguiu descobrir n'ellas o bacillo de Koch.

Em Falkenstein um grande numero de pessoas, sem tuberculose, acompanham os doen-

tes, estão no sanatorio durante bastante tempo, sem que se tenha notado alguma coisa de anormal na sua saude, o que prova que as praticas da desinfeccão são efficazes para prevenir qualquer incidente. De resto, sabe-se que o grande perigo da infecção existe no escarro. Ora este é sempre recolhido em escarradores proprios, que os doentes, sob nenhum pretexto, dentro dos sanatorios, podem deixar de usar.

Mas esta rigorosa disciplina, esta pratica bem vigiada sobre os mais pequenos desmandos que possam originar o contagio, tornam-se extensivos fóra do sanatorio, nos parques, onde o doente passeia.

Ahi, como dentro do edificio, o doente não póde escarrar no chão, e conseguintemente não póde infectar o meio externo. Sequestrado d'este modo o bacillo no seu unico vehiculo, feitas as desinfeccões das roupas e dos productos excrementicios, por processos rigorosos, como póde ser possivel o contagio para o exterior? De modo nenhum.

E' o que mostram as estatisticas de Goerbersdorf, onde existem tres sanatorios, com muitos doentes, e onde a tísica pulmonar tem diminuido nos habitantes da povoação, segundo estatisticas do Dr. Nahm, não obstante haver augmento de população.

Outros factos e estatisticas poderiamos juntar, se não fosse bastante o que acabamos de vêr, para poder-se julgar já, com firme convicção, que o sanatorio, em lugar de um perigo na visinhança de povoações, é antes de um effeito salutar e conveniente sobre os seus habitantes, na comprehensão de medidas a adoptar, no desenvolvimento pelos campos das principaes formulas de hygiene.

Muito mais para temer, e só para temer, são essas estancias que gozam d'uma certa fama de uteis ao tuberculoso, e para onde elles vão livremente, escarrando por toda a parte, semeando assustadoramente os seus bacillos, que são innumerous, podendo ser 7.500:000 em 24 horas!!! E' o mal que pesou, ou de certo modo pesa ainda sobre a Guarda, onde, apesar dos esforços d'um medico illustre, se não faz uma vida das mais seguras sobre o possivel contagio.

Ora por todas estas considerações nós decidimos pelo sanatorio, estabelecimento fecho, seguramente vigiado, e onde o doente se conserva sempre debaixo das vistas do medico e das suas ordens, tudo isto com um duplo intento: tratamento e não contagio. Depois o sanatorio realisa uma grande acção beneficiadora na sociedade, tornando-se uma escola de aprendizagem.

Com effeito, o doente não póde permanecer eternamente n'um sanatorio; sahindo d'alli, curado mesmo por completo, elle precisa de viver sempre hygienicamente, seguindo, nas menores particularidades, todos os cuidados compatíveis com o seu estado e com a sua saude.

Adquire o habito de ser precavido em tudo, de não escarrar no chão, espalhando ainda todas as noções, que tão salutarmente foi colher, que aprendeu, sendo além d'isso, ardentemente, um apostolo sincero e justificado de tão uteis estabelecimentos, no meio d'esta grande torrente de indifferença a tudo!

CONSTRUÇÃO DO SANATORIO. — Na construção do sanatorio, a fórma exterior dos seus edificios é subordinada a um certo numero de factores.

E' preciso protegel-o do vento, dar-lhe uma boa insolação e uma pureza absoluta de ar.

O typo de construção varia pois conforme as condições de terreno e segundo os ventos dominantes; se as condições do terreno se prestam, como seja uma natural protecção pelas montanhas, os sanatorios podem ser edificios de fachada em linha recta.

Em Falkenstein, Angicourt, Hohenhonnef,

etc., ao contrario, protegem o edificio principal duas outras partes inclinadas sobre elle, em angulo obtuso, aberto para o sul. ⁽¹⁾

E' o sol o primeiro desinfectante, e como tal, deve entrar em todos os aposentos, em toda a parte, devendo por este motivo evitar-se que qualquer parte do estabelecimento cause, sobre a outra, sombra permanente.

Para que a pureza do ar seja o mais completa possivel, devem todas as causas de contaminação, como as que existem em dependencias do mesmo sanatorio, ser abolidas ou afastadas; assim se comprehende a collocação, a distancia, dos apparatus de desinfecção, bombas e machinas electricas, productoras da illuminação, etc., lavanderias e a propria cosinha. Acrescentamos ainda que uma floresta collocada a norte e leste do sanatorio é excellente, sobretudo se fôr de pinheiros, pois além de purificar o ar e tornal-o balsamico, desvia as correntes dos ventos.

Internamente, nada ha de absoluto na sua installação relativa aos serviços e disposição dos diversos elementos. Tudo depende da grandeza do edificio, do seu numero de andares.

(1) Leur orientation serà, rigoureusement circonscrite à la façade sud, sud-est, la mieux ensoleillée de l'établissement (Letulle).

Convém porém accentuar que em tudo se deve attender a uma possível e fácil limpeza do interior, evitando tudo que possa constituir-se ninho de microbios.

A linha curva deve substituir em tudo o angulo ou esquadria; deve preferir-se a pintura a oleo, mesmo á cal, para as paredes dos quartos e corredores; e quanto a soalhos, devem elles ser escrupulosamente feitos, encerrados e polidos, podendo tambem empregar-se a forragem a linolium.

Escarradores communs pelos corredores e pelas escadas, da altura d'um metro, completam este dispositivo interior do sanatorio. Mil pequenas cousas ha, que difficilmente nós podemos aqui conglobar, pequenos nadas, mas todos precisos para garantir a sanidade do edificio, obstar a todas as fórmas possíveis de contagio.

Esses cumpre sempre ao medico preparal-os com aquella intelligencia e amor que deve possuir o medico d'um sanatorio. Só assim, de resto, elle valerá: « *Tant vaut le medecin, tant vaut le sanatorium* » (Sersiron).

Merece apenas especial menção o quarto do doente. Afim de beneficiarem quanto possível dos agentes physicos, os quartos devem ser voltados ao sul. A insolação larga durante o dia, e, portanto, a intensidade luminosa, sa-

neam proficuamente a installação, e permitem aproveitar um ar puro, ao mesmo tempo que muito temperado. Todos os sanatorios observam esta circumstancia, se bem que em muitos d'elles tambem se aproveitem alguns quartos voltados aos outros quadrantes, quando d'isso ha necessidade. Os quartos podem ser até ao ultimo andar, mesmo quando o sanatorio tenha mais que dois, visto que os ascensores evitam toda a fadiga n'estes casos. Devo notar aqui, que o sanatorio de Arosa possui quartos ao rez do chão, onde ordinariamente se costumam installar as outras dependencias do sanatorio.

Esses quartos são especialmente destinados a doentes obrigados a permanencia no leito. Então, sem mesmo deixarem o leito, podem beneficiar da cura na galeria, que fica no mesmo pavimento, simplesmente fazendo rodar a cama até ella.

Os quartos devem ser bem isolados uns dos outros por paredes grossas, afim de evitar todo o incommodo pelo visinho, e de muita utilidade será, que elles tenham sómente capacidade para um, ou, quando muito, para dois doentes. A sua cubagem, attendendo ao arejamento contínuo, não carece ser grande. Turban avaliou esta em 35 metros cubicos, para cada leito.

O mobiliario deve ser de rigorosa singeleza

e de facil lavagem; nem cortinados, nem tapeçarias; quando muito um simples *store* para evitar a irradiação nocturna, apoz o occaso do sol.

Cama de pinho ou ferro, sem ornatos, facilmente desmontavel, e se alguma coisa de estofos pôde ser permittida, como por exemplo uma *chaise-longue*, deve ella ser coberta d'uma camisa impermeavel e facilmente lavavel. Uma campainha electrica deve estar proxima á cabeceira do leito, para uma chamada imprevista.

Como a ventilação é contínua, os doentes, de noite, dormem de janellas abertas, variando muito, de sanatorio para sanatorio, o despositivo para este fim. O mais simples é o uso de biombo a resguardar o leito, ficando a janella completamente aberta, se a temperatura exterior não é extremamente baixa, ou aberta simplesmente pelas bandeiras, se o frio é intenso.

Aquecimento e luz

O problema do aquecimento nos quartos de tuberculosos é importantissimo, e por isso deve interessar, com toda a razão, o hygienista.

«Le phthisique ne doit pas chauffer sa cham-

bre au dessus de 15° a 16°, afin de ne pas être éprouvé par un trop grand changement de temperature en sortant» (Daremberg).

São diversos os systemas empregados hoje em todos os actuaes estabelecimentos.

Chaminés, fogões, caloriferos, agua quente, vapor e electricidade.

A chaminé é, diz Langlois, «l'appareil de chauffage le plus simple; c'est aussi celui qui assure le mieux la ventilation, qui modifie le moins l'air de l'appartement»; tem no entanto os inconvenientes de repartir desigualmente a temperatura, determinando, ás vezes, uma ventilação forte, com correntes d'ar muito nocivas, etc.

Os fogões, assim como os caloriferos de ar quente, são aparelhos detestaveis; seccam o ar dos quartos, alteram-n'o por emanções d'acido carbonico e oxydo de carbone, e perturbam a ventilação, oppondo-se á renovação do ar puro.

O aquecimento central, pela agua quente, dá um calor suave, constante, que não altera o ar; mas presta-se pouco a uma producção rapida de calor, por causa do grande volume d'agua armazenada nos tubos, cuja extensão faz perder muito calor.

A pressão tambem a que se encontra o liquido dentro dos tubos, traz muitas vezes

dissabores; no entanto, apesar de tudo isto e do alto preço, uma installação d'estas encontra-se em Hohenhonnef, Arosa, etc.

Para o sanatorio, o melhor modo de aquecimento é o vapor d'agua a baixa pressão; as machinas a alta pressão são complicadas e perigosas.

Este systema é pois de todos o mais completo, e o que nos offerece mais vantagens: calor doce e constante, quando bem regulado, grande velocidade de circulação do vapor e producção enorme de calorías.

E' de resto o processo mais espalhado.

A differença é sobre tudo facil de apreciar nos estabelecimentos, como em Villiers-sur-Marne, onde existem os dois processos, calorífero na casa antiga, vapor no pavilhão das creanças, etc.

Por toda a parte o pessoal encontra-se melhor com o novo systema, e o declara infinitamente superior ao antigo.

Onde devem, nos quartos, ser collocados estes tubos d'aquecimento?

Nunca nas paredes do quarto ao nivel dos leitos, para evitar um aquecimento desagradavel da parede e a necessidade, como em Leysin, de paredes duplas, em alguns pontos; o logar proprio será a parte mais fresca do quarto, e por consequencia junto á janella,

em baixo e defronte da entrada do ar, cuja tiragem elles activam.

O aquecimento pela electricidade, que assenta no facto de uma corrente electrica, passando atravez d'um fio bom conductor, não só o aquecer, como emittir radiações calorificas, é dos mais conformes com os dados da hygiene moderna.

Este processo apresenta as vantagens de aquecer o ar do quarto, sem crear correntes d'ar, sem desenvolvimento de fumos nocivos e emanações deletereas, e por isso tem sido empregado com grandes vantagens em alguns sanatorios (Dr. Turban), onde a electricidade possa ser produzida economicamente com motores hydraulicos, visto ser enorme o gasto de electricidade.

Luz. — A illuminação a petroleo ainda existe em alguns estabelecimentos, com fim economico (Ruppertshain, etc.), substituida vantajosamente hoje, nas installações novas, pela electricidade; assim evita-se toda a viciação do ar pelos productos de combustão, maneja-se sem perigo, prestando-se mesmo muito melhor á illuminação exterior, tão necessaria nas galerias de cura, de que fallaremos em breve.

GALERIA DE CURA. — Vida em pleno ar, sempre, e em qualquer estação, tal é o fim para que deve convergir tudo n'um sanatorio.

E' preciso que o doente tenha constantemente ar novo, puro e irrespirado; de noite, pelo arejamento constante do seu quarto; de dia, pela estada em logar abrigado, mas com muito ar. Este ultimo ponto realisa-se em todos os sanatorios, pelas varandas de cura ou galerias.

E' n'ellas que o tuberculoso passa a maior parte do dia, sob a acção benefica d'este agente, modificador poderoso do organismo, o ar exterior. E' mais importante que a sala de jantar, onde apenas está algumas horas, mesmo mais importante que o quarto de dormir. Deve pois ser alegre, bem abrigada do vento, e muito larga, para que, além do espaço occupado pela cadeira, fique ainda uma sufficiente coxia para passagem.

A situação da galeria é differente de sanatorio para sanatorio.

Em Angicourt, por exemplo, é a todo o comprimento do edificio, ao rez-do-chão. Esta disposição tem a vantagem de facilitar os cuidados aos doentes e a de dar um certo agrado á vista; porém o sério inconveniente de fazer

os quartos e salas, que lhe ficam atraz, escuros e difficeis de arejar. Actualmente, a ideia que reina é de collocar a galeria de cura de cada lado do edificio central, destinado aos serviços geraes.

Como quer que seja, a galeria não é mais que uma extensa varanda, collocada na frente do edificio, a tres ou quatro metros acima do solo e com uma largura do mesmo numero de metros. Simplesmente coberta pela parte superior, convém, para que seja airosa e desafogada, que o seu pé direito seja pelo menos de cinco metros. O tecto assenta sobre columnas espaçadas umas das outras, na razão de dois metros.

Para o caso do sol, do vento ou da chuva perturbar a cura, é conveniente que estas aberturas possam ser vedadas por *stores* de lona; algumas mesmo, podem, até um terço da sua altura, ser fechadas por um systema de janellas, afim de aproveitarem a doentes mais sensiveis.

As galerias podem ainda ser divididas por septos de vidro, com o comprimento preciso para proteger a cadeira completamente, e com uma altura de dois metros, pouco mais ou menos. Esta disposição corresponde aos desejos dos doentes, e firma-nos mais os bons resultados da cura, evitando-se as correntes d'ar,

que sempre se dão n'uma galeria de grande extensão.

Os doentes podem assim fazer, em commum, a sua cura e a galeria-salão é transformada em pequenas salas, muito confortaveis. As fig. I e II completam a descripção que acabamos de fazer.

O mobiliario d'esta varanda de cura compõe-se, para cada doente, d'uma cadeira, e d'uma pequena meza movel, onde se póde collocar a escarradeira, livros e objectos de distracção.

A escolha d'uma boa cadeira é muito importante. Reconhece-se actualmente que o repouso, na galeria de cura ou em pleno ar, exige a posição deitada. A cadeira deve pois ser comprida, solida, com as costas um tanto inclinadas para traz, uma convexidade para debaixo dos joelhos, um rebordo para os pés e dois braços de apoio, podendo ser tudo em vime, como as que nos vêm da Madeira. (Fig. III).

Na America, principalmente, usam-se tambem chalets e pavilhões de fórmulas varias, construidos nos parques visinhos dos sanatorios, e destinados a doentes que desejem isolar-se.

Este COTTAGE SYSTEM, como lhe chamam, tem o grande inconveniente de augmentar

muito as despesas do sanatorio e supprimir a vida em commum, tão necessaria e util ao doente tuberculoso, por emulação geral a executar as prescrições hygienicas, tornando-se illusoria a vigilancia e demais cuidados.

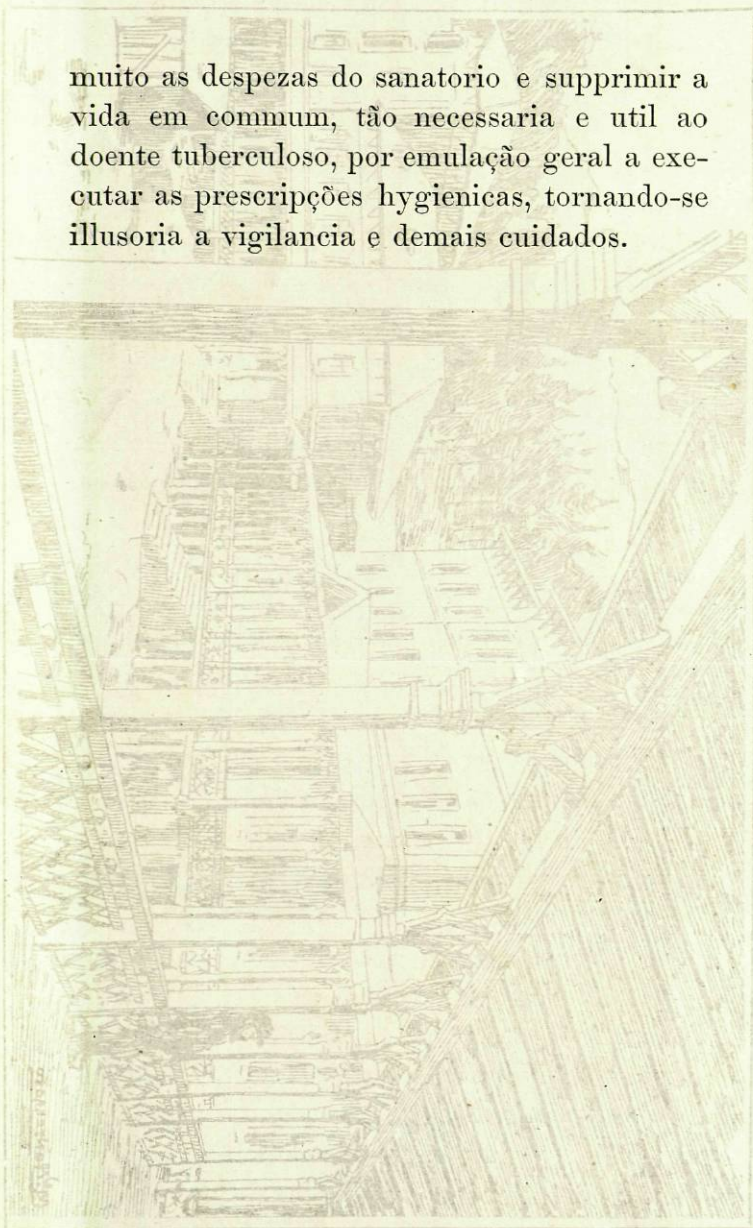


Fig. 1. — Vista de uma do Sanatorio de Herculano (Lombardia)

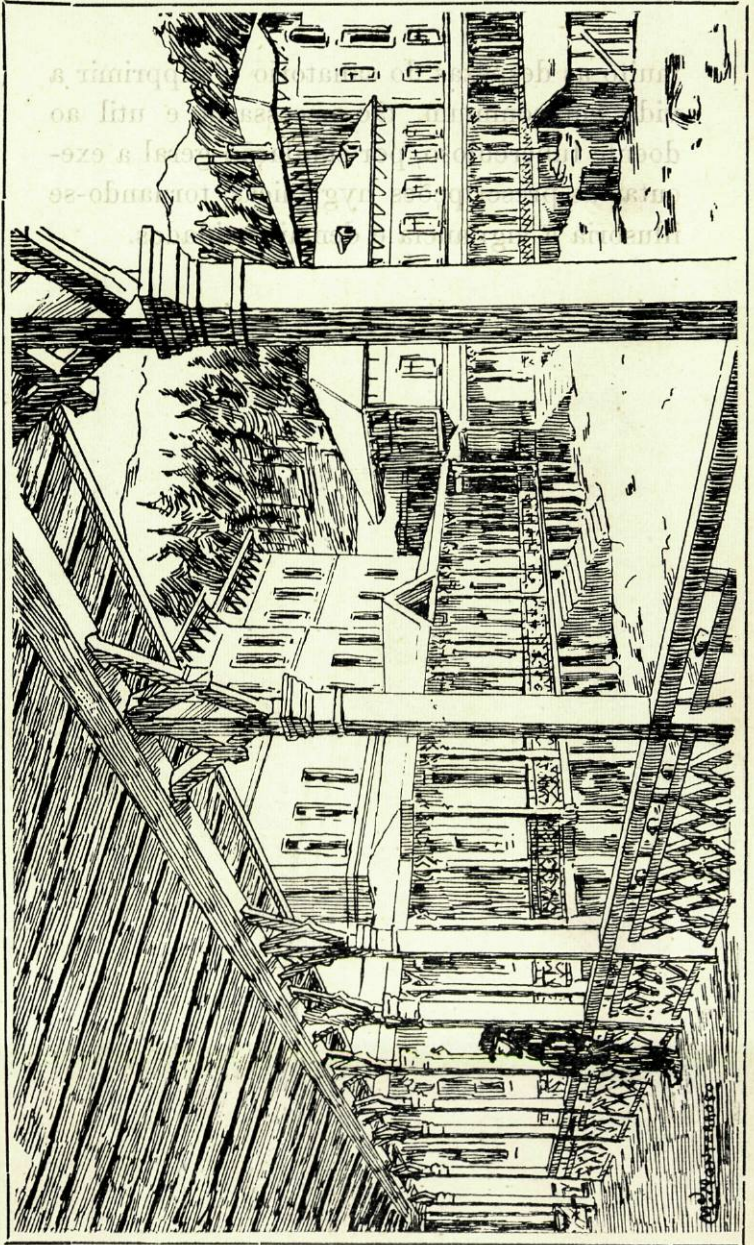


Fig. 1. — Galeria de cura do Sanatorio de Hauteville (França)

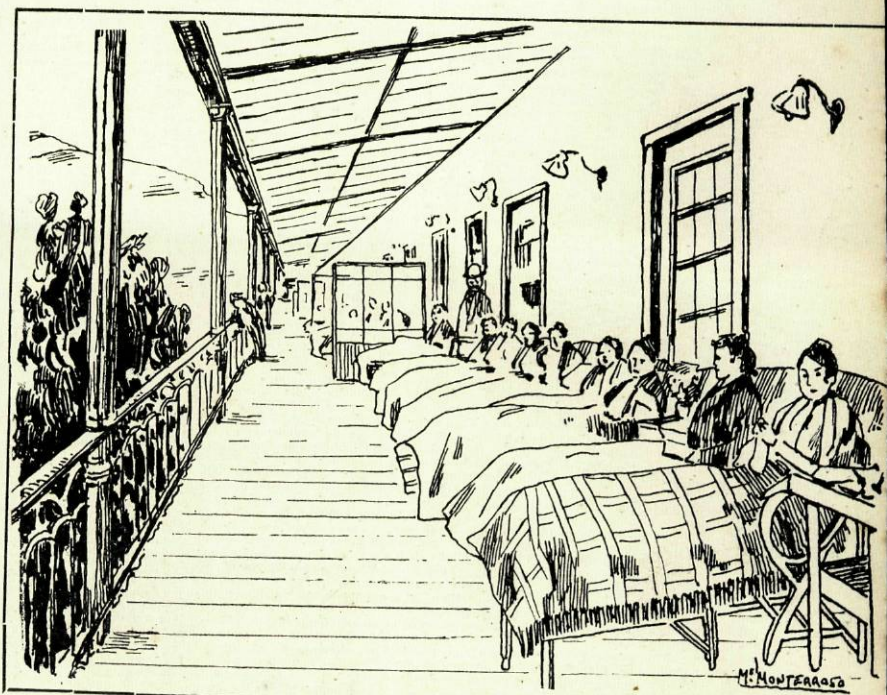


Fig II. — Galeria na hora de cura, com algumas cadeiras, resguardadas pelos septos de vidro

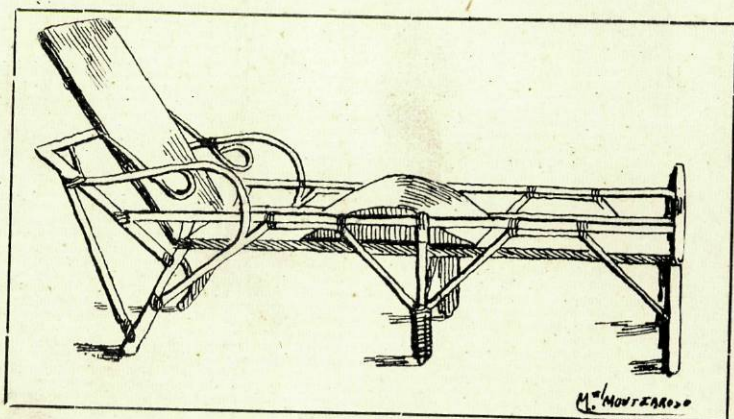


Fig. III. — Cadeira para a cura do repouso

CAPITULO V

Climatologia.

Onde deve ser edificado o sanatorio?

As primeiras idéias sobre a cura natural da tísica indicaram as montanhas como o elemento indispensavel d'ella. Para isso concorriam, d'um lado, o ter-se n'ellas, primeiro que em outra parte, notado varios casos de verdadeira resurreição, como em Davos, para o medico Unger e pharmaceutico Richter; por outro, as ideias que á sciencia trouxeram homens como Jaccoud e Jourdanet. Este affirmava, que na montanha a tuberculose era desconhecida. Jaccoud defendia a questão, apresentando-a cercada das maiores explicações scientificas.

Depois vieram as observações d'ordem

physiologica. São as experiencias de Viault, primeiro, ás quaes se seguem as de Reynard, Egger e Mercier.

D'estas experiencias concluiu-se que uma das acções mais importantes da altitude era a exaggeração da formação dos globulos rubros do sangue. O organismo, n'um meio em que a pressão era extremamente baixa, não podendo portanto com ella fixar nos seus globulos o oxygenio preciso para as suas combustões, augmentava a superficie de fixação, augmentando o numero d'elles.

Esta hyperglobulisação era o primeiro e o mais importante dos favoraveis movimentos na doença tuberculosa.

Depois, vinha a acção mecanica.

N'um meio rarefeito, n'um ar mais leve, os movimentos tornavam-se mais faceis, o thorax, portanto, movia-se melhor, ampliando mais o rhythmo respiratorio, d'onde inspirações mais profundas e expirações mais completas, portanto melhor arejamento pulmonar, mais perfeita eliminação dos productos toxicos.

N'um ar frio e penetrante como o ar da montanha, o appetite despertar-se-hia; ainda, no meio d'esta pressão baixa, as visceras experimentariam uma forte descongestão; a circulação interna deslocar-se-hia favoravelmente para a periphéria, onde, pela acção tonica do

ar, da luz e do sol, o sangue se equilibraria na sua composição e nutriria melhor a pelle.

Posteriormente, com as experiencias de Pasteur no Jura, as montanhas integravam mais este importante dado: completa ausencia de bacterias na sua atmospheria.

Assim se monopolisava na montanha todo o recurso da cura. Assim se creou a hypsiatria, satisfazendo ás idéas scientificas da epocha que eram todas physiologicas.

A montanha começou desde então a dominar mais do que sobre a natureza, pela sua grandeza propria; mas tambem sobre os espiritos dos sabios, pelas suas virtudes therapeuticas. D'este modo se fez a historia das soberbas estações alpestres.

Surdamente, e libertando-se d'estas idéas dogmaticas, a Allemanha começou uma contra-revolução destinada a abalar fundamente a hypsiatria.

Em 1876 Dettweiler, tysico tambem, fundava nas vertentes do Tanus o seu estabelecimento, destinado mais tarde a ser, graças ao brilho do seu director e á fama com que o aureolou, a Meca dos tysiotherapeutas.

Ora este sanatorio construia-se modestamente a 460 metros.

Dettweiler, com uma immensa intuição medica, reflexivo como bom germano, entrou

n'uma outra ordem de idéas; entendendo dever fazer do tysico uma função menos do meio, que do seu proprio saber medico.

Da sua bem dirigida experiencia sae então a formula therapeutica bem definida, bem scientifica, que acabamos de expôr no capitulo antecedente, e a que elle chamou cura hygienico-dietetica.

Os dados estatisticos da cura do seu sanatorio vieram legitimar as suas vistas.

E assim se firmava nova revolução.

Ao periodo de entusiasmo pelas altitudes succede então outro de calmo pensar, de mais verdade.

A bromotherapia e a hygiene surgem alçapremadas ao lugar que lhes competia.

A expansão dos sanatorios em diferentes pontos, sem obedecer á condição da altitude, como o de Hohenhonnef, que se encontra a 250 metros, e outros, vêm convencer-nos do que havia de verdade nas ideias de Dettweiler.

As estações, mesmo d'altitude, foram obrigadas a reconhecer que o repouso era tão indispensavel á cura como o ar, e tão importante uma boa alimentação como este.

O concepto da cura da tuberculose passou pois a esta nova phase, a verdadeira.

Posto de parte o que tinha sido tão entusiasticamente defendido, reconhecido como in-

sufficiente o mecanismo physico para explicar a cura, dadas tambem por fim como falsas as idéas da immunidad tuberculosa nas altitudes, assentou-se que em toda a parte a tuberculose é curavel.

Na sessão de 23 de novembro de 1898, a Sociedade de medicina publica e hygiene professional votava que: *o tuberculoso pôde curar-se no seu proprio paiz.*

Foi a idéa adoptada depois da mesma sociedade ter ouvido, pela bocca de Huchard, estas palavras do mais auctorizado dos tysiotherapeutas modernos, Dettweiler:

«A tuberculose é uma doença curavel. Pôde curar-se em toda a parte. As altas altitudes não têm nenhuma acção especifica, como a não têm as circumstancias meteoricas ou sazonaes. O essencial consiste em ar puro e não estagnante; n'uma installação racional de estabelecimentos consagrados a este fim *unico*; n'um medico director energico, instruido, votado d'alma e coração ao seu fim, e dispondo d'um poder de certo modo discricionario; emfim na applicação methodica do tratamento hygienico-dietetico (1)».

(1) DETTWEILLER, opinião apresentada por Huchard á Sociedade de medicina publica na sessão já citada.

«O criterio moderno formula-se, pois, hoje assim: Edificações em logares patentes ao sol e á luz, pouco importando a altitude, o mais possivel isentos de humidade, de frequentes nevoeiros e de ventos; pequena densidade humana circumjacente; quanto ser possa, proximos de florestas de arvores balsamicas (pinheiros e eucalyptos); hygiene rigorosa e minuciosa, alimentação abundante e escolhida; depois... depois... medicos com a fé arreigada e viva em que a tuberculose é uma doença curavel, e que o tuberculoso póde vir a ser ainda uma entidade util para os seus e para a sociedade (1)».

A observação clinica veio ainda com os seus dados auxiliar esta contra-revolução, indicando e ampliando o quadro das contra-indicações das altitudes fortes.

Como todos os auctores se harmonisam sobre esses casos clinicos, que a altitude não beneficia, nós não temos mais que ao acaso citar um que fallará por todos. Seja o Dr. Guetschel, ex-interno do sanatorio de Hauteville.

O sanatorio está situado a 900 metros. E'

(1) DR. JOÃO FERREIRA, *Gazeta Medica do Porto*—1900.

pois um sanatorio de altitude. Os resultados das observações de Guetschel não podem ser postos em duvida.

«Les indications de la cure, d'altitude, diz elle, ressortent donc de la capacité réactionnelle du malade.

La question se résume à ceci: Le climat d'altitude mettant en jeu tous les ressorts de la vie organique, le malade est-il capable de produire cet effort? Nous pouvons, par conséquent, éliminer dès à présent, toute une classe de malades qui ne peuvent retirer aucun bénéfice du séjour à l'altitude: tous les cachectiques, tous les hectiques, tous ceux qui, avec des lésions limitées ou étendues, présentent des symptômes d'intoxication tuberculeuse grave; ce sont encore tous les malades à système nerveux très excitable, car le climat d'altitude, par les propriétés excitantes de ces différents éléments, est de nature à augmenter les réactions nerveuses. Le sommeil sera, chez ces derniers malades, le critérium de l'indication ou de la contre-indication du séjour à l'altitude.

En outre, on concevra, d'après ces considérations, toute l'importance des stations de moyenne altitude, qui, tout en étant capables de donner, à dose modérée, aux malades, les avantages propres au climat de montagne,

n'occasionnent pas de réactions trop vives, funestes à certaines formes et à certains malades.»

Cita depois — «des formes congestives, à poussées répétées, associées, ou non, à une élévation de température ou des hémoptysies, — et les formes fibreuses denses avec dilatation du cœur droit, entraînant des troubles circulatoires importants.» (1)

A estes ainda se poderia ajuntar os casos de Melcion: o emphysema, os derramamentos e as fórmias com lesões extensas do pulmão, com myocardite, etc.

Os casos pois, em que a altitude francamente é indicada, occupam um numero limitado, devendo notar-se que todos elles devem ter este cunho, quer haja ou não grande infiltração, quer haja ou não caverna: uma capacidade de resistencia ainda grande, um bom estado geral.

Isto, em outros termos, quer dizer que, salvo poucos casos, se trata de doentes capazes de curar tambem no campo.

Com estes dizeres, porém, não queremos cahir na exageração opposta. Nós continuare-

(1) Dr. Guetschel — *La guerison de la tuberculose*, 1900.

mos a vêr na altitude um excellente meio therapeutico.

Pelo seu clima excessivamente tonico, pelo seu ar vivo e sêcco, leve e estimulante, tem ella um futuro larguissimo. As altitudes, e n'isto não nos afastamos do que sabemos lêr nas suas indicações, porque não hão-de ser estações prophylaticas? Lá, os anemicos, os chloroticos, rachiticos, candidatos á tuberculose, convalescentes de infecções agudas, graves, modificarão lisongeiramente o seu terreno; e porque nenhuma doença contemporanea o contra-indica, poderão dar-se a exercicios largos, para desenvolver o corpo, dotando-o do vigor necessario para resistir na vida. Eis o que nós pensamos ser a mais excellente indicação da montanha.

Se o sanatorio póde, porém, ser construido na montanha como na planicie, não devemos esquecer que condições especiaes devem existir no lugar escolhido, para que elle se possa chamar *bom*.

E' bom o lugar:

1.^o — sêcco, sufficientemente protegido dos ventos desfavoraveis, e d'um accesso facil por boas estradas;

2.^o — solo permeavel, afim de garantir uma perfeita salubridade;

3.º — agua abundante, de nascente, potável e pura;

4.º — ar puro, isento de poeiras nocivas e emanações deletereas;

5.º — sufficientemente isolado. O isolamento do estabelecimento de cura é muito util; pelo seu afastamento de agglomerações humanas garante-se ao doente, o mais possível, abrigo das contaminações do ar (1).

O sanatorio deve ser construido, tanto quanto possível, a meia encosta, na vertente d'uma montanha ou collina arborizada, cujo vertice proteja o estabelecimento.

(1) BROUARDEL: «La lutte contre la tuberculose».

CAPITULO VI

Os progressos na therapeutica da tuberculose não podiam deixar de preoccupar a medicina portugueza. Souza Martins, esse immorttal espirito, marca na evolução d'estas idéas, em Portugal, um logar inconfundivel. Sempre avido de introduzir no seu paiz as mais recentes idéas medicas, Souza Martins pensou em esquadrinhar pousio salutar para os nossos tuberculosos.

As idéas d'então eram todas hypsiatricas.

O eminente Mestre não podia pois, n'uma seriação logica de idéas, deixar de levar o seu entendimento para o que Portugal possuia de mais orographicamente similar ás regiões alpinas—a Serra da Estrella.

A sua excursão ali ficou memoravel pela fórma que lhe deu um primoroso escriptor publico (1), pela importancia que lhe imprimiu a opinião auctorizada do Mestre, e pela cura de alguns dos seus doentes, que para lá enviou. Subsequentemente, dados collidos por quem aproveitou a corrente das suas idéas legitimaram a fama da Serra da Estrella como estancia de cura da tuberculose.

E n'isso se resumia, até ha poucos annos, o nosso recurso n'este ramo da therapeutica hygienica.

A entrada decidida de S. M. a rainha n'uma intensa propaganda de lucta contra a tuberculose, auxiliada n'este seu grande empenho pela vontade dos medicos da capital, primeiro, e actualmente, pela medicina portugueza, deu a esta ordem d'assumptos um impulso grandissimo, podendo nós, com satisfação, dizer que já alguma coisa d'util se faz n'esta humanitaria campanha contra a tuberculose.

Lisboa possui hoje um dispensario, funcionando auspiciosamente. Em breve o paiz possuirá outros districtaes; actualmente, segundo o que se conclue do ultimo relatorio da

(1) Emygdio Navarro — *Quatro dias na Serra da Estrella.*

Assistencia Nacional aos Tuberculosos, está em via de conclusão o dispensario de Faro; incansavel na sua propaganda, ainda nos é grato registar que a *Assistencia* projecta, na Serra da Estrella, a fundação d'um sanatorio moderno, para receber tuberculosos.

N'estes trabalhos acha-se apaixonadamente empenhado um dos vultos mais notaveis da tuberculologia portugueza, o Ex.^{mo} Snr. Dr. Lopo de Carvalho.

Mas se a iniciativa d'esta importante instituição muito tem conseguido, é triste vêr como a iniciativa particular tanto esmorece n'esta questão, e pensar que tão boas fortunas portuguezas se não tenham empregado n'este genero de lucro.

Possuindo nós tão bons logares para tal fim, que grandes serviços se não prestariam aos nossos pobres doentes, e que beneficio para o paiz onde poderiam ficar capitaes, que o estrangeiro nos leva?

Se os grandes capitalistas n'isso pensassem a sério, seria, além d'um pensar patriotico, um pensar humanitario.

No meio d'este morno viver e indifferntismo podemos felizmente registar, que um homem se abalançou a esta auspiciosa e patriotica empreza, pois que brevemente vae o norte do paiz possuir um sanatorio, obedecendo ás

mais modernas applicações scientificas. D'elle nos vamos occupar.

Sanatorio do Seixoso.

Quando pela primeira vez correu publico a noticia da fundação d'este sanatorio em Portugal, crêmos que ella havia ter despertado admiração em todos e desdem em muitos, mesmo na nossa classe medica.

A idéa que no nosso paiz corre sobre a cura da tuberculose eiva-se ainda muito das idéas suissas que faziam dos seus sanatorios alpestres o exclusivo da cura do tuberculoso.

Primeiro, foi a noção da immuidade das suas montanhas; mas actualmente o interesse allia-se a ella para chamar tudo aos seus estabelecimentos.

Como quer que seja, é para a Suissa, mesmo com o custo de fastidiosas e longas deslocções, que febrilmente vêmos marchar os nossos doentes.

Em França, ha já muito que uma contra-revolução se estabeleceu. Os nomes de Lemoine, Lalesque e Huchard brilham n'esta contenda.

A idéa da especificidade do clima, a noção tornada corrente de que a climotherapia

é um simples accessorio do regimen hygienico-dietetico, verdadeiro factor de cura, alargou o ambito das cousas, tornando possivel a cura nos pontos mais variados.

A França entrou d'este modo no caminho das realisações, semeando casas de cura por toda a parte, no campo, como na montanha. Tem hoje Hauteville, Durtol, Canigou na montanha; Trespoëy, Gelos e Arcachon na planicie e no mar, e com resultados tão favoraveis como os dos sanatorios alpestres.

Em todo o caso, nós sempre os ultimos a entrar nos grandes progressos das cousas, não dando apreço senão ao que é estrangeiro, continuamos a vêr excellencias sómente em Davos.

Fechamos os olhos á gamma variada do nosso clima, este clima que, se não gosa dos favores d'uma seccura extrema, tem um bello sol, inconfundiveis panoramas, uma temperatura favoravel, um ceu encantador, e uma vegetação balsamica como nenhum outro.

Nós, como dizia Huchard, não conhecemos as nossas riquezas, ou não as sabemos fazer valer.

Continuamos a detestar este bello Norte, e sobre a idéa de que elle é, pela sua rica vegetação, humido, vamos prégando a sua incompetencia para a cura da tysica.

Ora isto é, acima de tudo, um atrazo.

Certamente que o ar sêcco é preferivel ao ar humido, mas não constitue isso uma contra-indicação formal, quando factores d'outra categoria destroem a sua influencia ou a attenuam pelo menos.

Não é humido Falkenstein? não é humido Pau? não obstante as curas andam bem a par, na sua percentagem, pelas dos sanatorios suissos.

• E', pois, tempo de afastar estes prejuizos, e pensar, com verdade e patriotismo, que este bello ceu azul, este sol e esta luz são capazes de grandes effeitos na cura da tuberculose.

A cura assenta, sobretudo, nos cuidados da alimentação e nos preceitos hygienicos, impostos ao doente; se isto é possivel em todos os paizes, e se arranjar um pouco d'ar puro é ainda em toda a parte possivel, para que ir, á custa de deslocações incommodas e dispendiosas, buscal-o a uma d'essas regiões, a nós ingratas pela lingua, pelos costumes e pela propria natureza?

Uma grande parte da cura está na acção moral que este ou aquelle lugar póde exercer sobre o doente.

Sobre nós, meridionaes, que acalentamento advirá da natureza rude dos Alpes, da sua

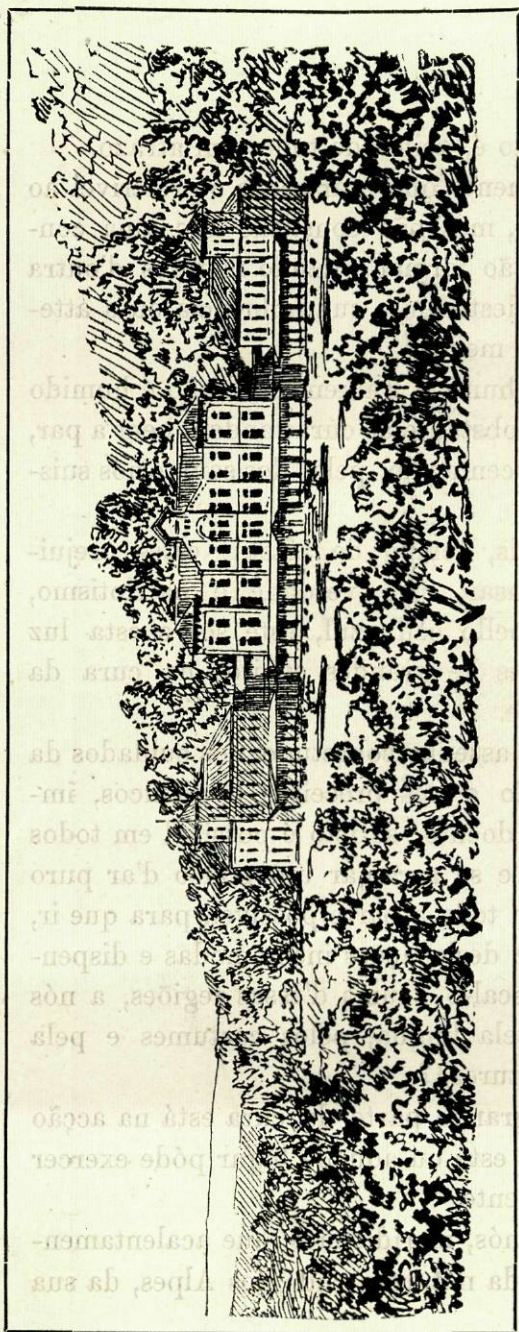


Fig. IV. — Ante-projecto do Sanatorio — Sua situação

uniformidade, do seu monotono oceano de neve?

Dignos são pois de todo o louvor os iniciadores d'esta boa lembrança de construir um sanatorio no norte do paiz, rompendo com as mesquinhas ideias da gente portugueza.

O dr. Cerqueira Magro, avigorado pela idéa do seu collega João Ferreira e n'elle depositando inteira confiança, no seu talento e aptidões ha tanto entregues, apaixonadamente, ao estudo da tuberculose, emprehendeu a construcção d'um sanatorio no concelho de Felgueiras — Lixa — que se encontra já em grande adeantamento, devendo em pouco abrir o seu primeiro pavilhão.

Sobre a sua situação nós damos a palavra ao illustre professor d'esta Escóla, o Ex.^{mo} Snr. Dr. Maximiano de Lemos, que a traduz n'uma verdade flagrantissima:

«O Sanatorio fica situado na serra de Seixoso, a uma altitude de 500 metros aproximadamente, n'uma extensa e fechada floresta de pinheiros, e bem defendido, pelos pontos mais altos da serra, dos ventos do norte, do noroeste e do leste. Fig. IV.

«Para o sul, abre por um extensissimo valle inundado de luz, formosissimo na sua variegada cultura, e por onde, aqui e alli, casas dispersas ou pequenos povoados põem a sua nota

dé vida consoladora e attrahente. Assim, mesmo em frente da fachada, a dois kilometros talvez, a povoação da Lixa, soerguendo-se sobre um alto comoro, alegre e populosa; para o N., a 5 kilometros, Felgueiras com o seu pittoresco santuario de Santa Quiteria; e mais distante a villa de Louzada, que em dias claros se distingue perfeitamente.

«O horisonte do Seixoso é tão extenso, que dos seus pontos mais eminentes abrange uma extensão comparavel em grandeza á que se avista da Cruz Alta do Bussaco. A vista vae perder-se nos montes de Vallongo, na serra beiroa da Gralheira e no Marão; ao norte destacam as eminencias do Gerez, o Sameiro, a Penha de Guimarães, etc. Simplesmente grandioso!

«Os terrenos pertencentes ao sanatorio abrangem uma area de 30 hectares, em terreno secco, bem assoalhado, apesar da sua densa floresta de pinheiros.

«Muitas circumstancias concorrem para tornar o logar isento de ventos fortes, de humidade e nevoeiros.

«Contra os ventos mais de temer, os do norte, de leste e noroeste, protege-o a propria eminencia da montanha a que está encostado, com a sua excellente orla florestal, e as sufficientes elevações d'outros montes, que fazem

parte da mesma serra. E, como ella toda seja uma floresta sem fim, garantido está o aprazível logar escolhido contra os ventos fortes. A sua franca exposição a sul, a largura descommunal do valle, que lhe garante uma insolação demoradissima, e a propria natureza do terreno, concorrem para reduzir ao minimo o grau de humidade, de modo a que o Seixoso póde considerar-se, por excepção na provincia minhota, um logar secco.

«Quanto a nevoeiros, é observação dos praticos que, excepção dos dias mais rigorosos do inverno, nunca elles por alli passam. Póde isto ter explicação no modo especial como o Seixoso e o seu valle estão dispostos em relação a dois outros valles tangenciaes: o valle do Tamega a leste, e o do Souza a noroeste. Os extremos do Seixoso, d'um e d'outro lado, e pelas faces oppostas ás que olham para o sanatorio, dão sobre dois valles situados a um nivel muito inferior ao valle do Seixoso, valles estreitos, em cujo fundo correm respectivamente o Tamega e as nascentes do Souza.

«Como o valle do Seixoso é larguissimo, visto que elle encontra aquelles dois outros a uma distancia de alguns kilometros, comprehende-se que as correntes inclinem qualquer formação de condensação aquosa quer para a direita, quer para a esquerda da linha axial

norte-sul do sanatorio, e a varra para os valles mais profundos.

«Fazemos notar uma circumstancia complementar do que acabamos de dizer, e que, por ter a auctoridade d'uma longa pratica dos naturaes, nos parece digna de nota. São aquelles montes por ali muito batidos de caçadores. Pois bem; o logar escolhido por elles para repouso, após afadigosa faina de caça, é o logar onde está sendo construido o sanatorio. Isto pelo facto da experiencia lhes ter ensinado ser aquelle logar, além do mais pittoresco, o mais agasalhado, o mais quente e portanto o unico supportavel nos dias de intenso frio e vento.

«Quanto á pureza do ar, é ella bem garantida, não só porque o sanatorio fica completamente fóra de estradas, e portanto longe de poeiras, mas tambem de todo o aggregado humano, pois que a povoação que lhe fica mais perto é a Lixa, da qual não dista menos de 2 kilometros.

«As communicações são para o sanatorio facillimas, feitas por excellentes estradas, de horisontes vastissimos e encantadores. Além da que o liga a Cahide, outras o põem em communicação com Amarante, Felgueiras, Fafe, Celorico de Basto, Louzada, etc.

«O sanatorio tem a abastecel-o excellente

agua potavel, e a facilidade de relações permite-lhe facil abastecimento, tendo a pequena distancia meio de se fornecer de magnifico leite, boa carne e excellente pão.

«Tal é a situação topografica do edificio, que dentro em pouco o paiz vae possuir para honra sua, e para se não repetir a amarga verdade de que em Portugal, onde morrem 20:000 individuos de tuberculose annualmente, não ha um sanatorio normal, como aquelles com que se depara no estrangeiro a cada passo.

«Em resumo, o futuro sanatorio envolve-se na mais bella e poetica inspiração, que a natureza podia ter para ali se patentear e ostentar aos olhos de quem a admira. Um bello tonico para o corpo pelas suas condições de altitude, de pureza d'ar, de luz; um excellente conforto para a alma atribulada dos doentes, pelo empolgante espectaculo que, mesmo sem sahir do edificio, o doente póde admirar.

«Tempo é de dizermos alguma coisa do edificio actualmente em construcção. Compõe-se de tres pavilhões; um central, medindo 45 metros, e dois lateraes com 26 metros, e cahindo em angulo obtuso sobre aquelle, ao qual se unem por duas galerias envidraçadas.

«Mais tarde construir-se-ha outro pavilhão para indigentes dos tres concelhos limitrofes de Felgueiras, Amarante e Celorico de Basto.

«Os quartos são todos virados ao sul como é proprio d'estas construcções. Possui uma extensa galeria para a cura d'ar e do repouso. O edificio é illuminado a luz electrica. Para o caso de ter de funcionar de inverno, todos os quartos tem caloriferos pelo vapor a baixa pressão.

«Terá um laboratorio para trabalhos bacteriologicos e outras investigações semeioticas, gymnastica, massagem, hidroterapia, etc. Como distracções terá jogos, gabinete de leitura, musica, etc.

«As despesas estão orçadas em 100 contos de reis. A excellente construcção é dirigida pelo habil engenheiro Manuel de Mattos Ferreira Carmo, um novo cheio de talento» (1).

Quando este artigo foi elaborado e publicado, ainda não havia no Seixoso mais que obras de aterro. Actualmente, os trabalhos estão adiantadissimos, elevando-se já, por entre o bosque de pinheiros, a cantaria alva do primeiro pavilhão.

As fig. V e VI completam as palavras do Ex.^{mo} Snr. Dr. Maximiano de Lemos, e dão

(1) PROF. DR. MAXIMIANO DE LEMOS. Do *Primeiro de Janeiro*, de 22 de dezembro de 1901.

Sanatorio do Seixoso

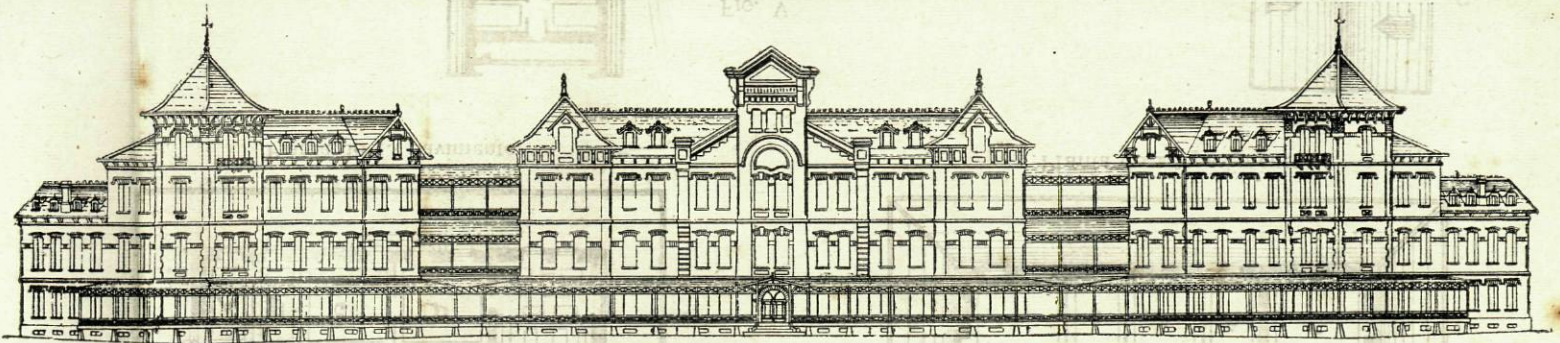
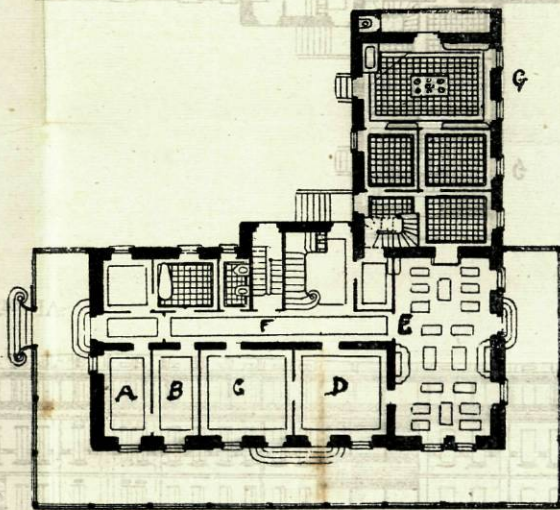
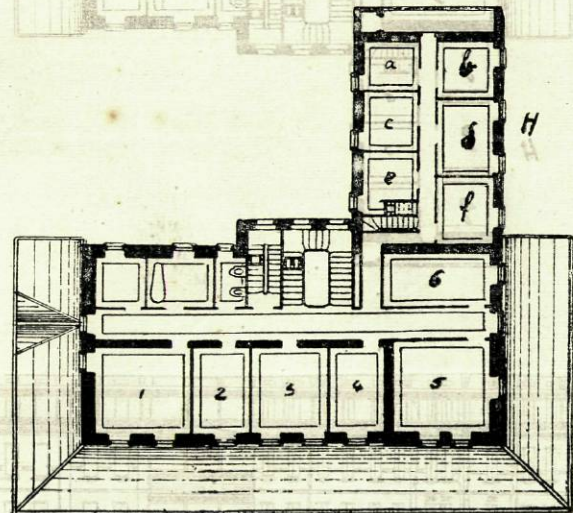


FIG. IV

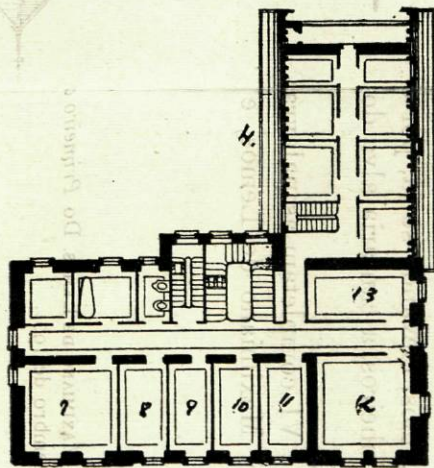
Fachada principal



Planta do 1.º pavimento

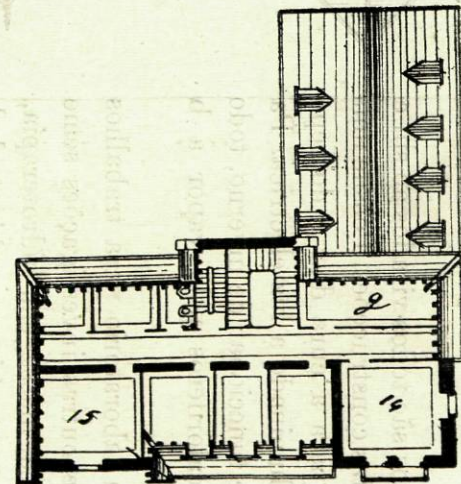


Planta do 2.º pavimento



Planta do 3.º pavimento

FIG. V



Planta das aguas-furtadas

Secções do 1.º pavilhão: A — Consultorio, B — Laboratorio, C — Sala de leitura, D — Sala de visitas, E — Sala de jantar, F — Corredor, G — Cozinha e suas dependencias, H-H' — Quartos para pessoal e hospedes, 1 até 13 e 15 — Quartos de doentes, 14 — Aposento do medico-Director.

uma ideia precisa do que definitivamente deve ser o sanatorio do Seixoso. A fig. V representa as secções dos differentes andares d'um dos pavilhões. E' para 25 doentes. Provisoriamente porém, e enquanto se não completam os outros corpos, algumas installações, que depois serão do pavilhão central, estorvam o alojamento d'este numero de doentes que só comportará por occasião da sua abertura, treze a quatorze. A lotação total do sanatorio é para 100 doentes.

Proposições

Anatomia. — O nervo optico é um prolongamento do cerebro.

Physiologia. — A inercia corporal é uma das causas de perturbação organica.

Pathologia geral. — O bacillo de Koch occupa na hierarchia pathogenica um dos logares mais mediocres.

Materia medica. — O vesicatorio é um medicamento de valor therapeutico inferior.

Anatomia pathologica. — A cellula de *Langhans* é característica da neoplasia tuberculosa.

Pathologia cirurgica. — Uma incontinençia de urinas pôde ser consequencia d'um parto.

Pathologia medica. — No tratamento da raiva, o *Methodo Pasteur* é prophylatico e não curativo.

Medicina operatoria. — Na perna, ha amputação do rico e do pobre.

Partos. — A embryotomia não tem como unica indicação o caso do feto morto.

Medicina legal. — A morte do recém-nascido, por inanição, não é esclarecida pela autopsia.

Hygiene. — A noção de contagio impõe-nos a abolição dos beijos nos santos.

Visto
Illidio do Valle,
PRESIDENTE.

Póde imprimir-se
Moraes Caldas,
DIRECTOR.